

A REVOLUÇÃO TRANQUILA E AS MOBILIDADES POLÍTICAS E CULTURAIS NO QUEBEC

LA RÉVOLUTION TRANQUILLE ET LES MOBILITÉS POLITIQUES ET CULTURELLES AU QUÉBEC

Zilá Bernd*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Unilasalle CNPq

RESUMO

O artigo visa analisar os trânsitos políticos e culturais desencadeados pela chamada Revolução Tranquila ocorrida nos anos 1960 na província do Quebec e que tiveram como consequência a ruptura radical com um sistema social de base tradicional sob a tutela da Igreja Católica, levando a sociedade a se repensar em termos identitários e a promover uma ampla tomada de consciência sobre sua pertença à América e sobre a necessidade de afirmação de uma especificidade quebequense. Destaca-se, de um lado, o papel de Gaston Miron como um dos principais artífices que desenhou uma nova cartografia literária do Quebec francófono e, de outro, o *revival* desse período realizado pelo filme *C.R.A.Z.Y.*, de 2005, do cineasta quebequense Jean-Marc Vallée. O filme homenageia a Revolução Tranquila ao sublinhar as mobilidades culturais entre as gerações no Quebec dos anos 1960, os deslocamentos do personagem entre o Canadá e Israel e as passagens da tradição para a modernidade.

PALAVRAS-CHAVE

Revolução Tranquila, mobilidades geográficas, migrações
políticas e culturais, literatura quebequense

Jacques Ferron referiu-se ao Quebec como *un pays incertain* (um país incerto). Essa incerteza vem de longa data e se manifesta através das diferentes denominações que a província já teve: Nouvelle France, Canada Français, e, finalmente, Quebec, nome indígena que significa “lugar onde o rio se estreita”. A autodenominação de Quebec para a província, que quer ser reconhecida como nação e *québécois/quebequense* para seus cidadãos, é relativamente recente, remontando aos anos 1960, após os episódios do que se convencionou chamar de *Révolution tranquille*. É, portanto, através de um oxímoro (delírio da linguagem) – Revolução Tranquila – que a identidade quebequense começa a criar raízes.

* zilab@uol.com.br

A incerteza à qual alude Ferron deriva justamente do fato histórico inédito da dupla colonização. O Quebec (província) foi colônia francesa, de 1534, quando Jacques Cartier chega à América e desce o São Lourenço até cidade de Quebec, até 1759, quando os combatentes da então Nouvelle France são derrotados pelos ingleses na famosa batalha das Planícies de Abraão. A colônia francesa, não tendo condições de resistir pelas armas, resiste preservando a língua e tudo que vem com ela: religião, cultura, lendas, canções, enfim, a memória.

A especificidade linguística e cultural faz com que até hoje o Quebec reivindique, no seio do país ao qual está inserido – o Canadá –, a condição de sociedade distinta (*société distincte*). Desde logo, escritores, poetas, pintores, cantores e artistas em geral, que participaram da Revolução Tranquila, movimento de migração de valores e afirmação identitária, perceberam a importância das artes e da literatura para fundar uma nação francófona na América. Esses artistas terão de realizar o que Régine Robin chamou de *deuil de l'origine* (luto da origem), ou seja, colmatar os espaços vazios criados quando da recolonização do país pelos ingleses. Na verdade, exorcizar a experiência da falta, do vazio criado pelo abandono dos franceses foi uma árdua tarefa que, iniciada logo após a conquista, no século 18, ainda não está concluída.

Um dos artífices da Revolução Tranquila no campo das letras é Gaston Miron, considerado o grande articulador do nacionalismo literário a partir do qual a literatura produzida no Quebec passará a ser chamada de quebequense, levando-se em conta o processo de continuidade em relação à cultura francesa que predominou na formação cultural da província. Como um dos mais veementes articuladores da Revolução Tranquila, Miron inaugura uma literatura que, enfim, dá as costas à França, abrindo-se para afirmação de sua pertença às Américas. Assim, o poeta insurge-se contra o estado de orfandade em que se encontraram os colonos após a retirada dos franceses. Compondo sua obra poética entre 1960 e 1970, engaja-se a tirar seu povo do que ele chama de “séculos de inverno”. Seu trabalho inclui a reorganização da língua francesa, que adquiriu sabor arcaico pelo afastamento de 200 anos da matriz francesa, quebecizando-a e a ela incorporando “a contribuição milionária de todos os erros”¹ da América. O poema, que abre sua famosa antologia intitulada *L'homme rapaillé*, traduzida por Flávio Aguiar para o português como *O homem restolhado*, inicia com os seguintes versos:

Eu fiz de além de mim uma viagem abraçadabrante
Há muito tempo eu não me revia
Eis-me aqui em mim como um homem em uma casa
Que se fez na sua ausência
Olá silêncio
Eu não voltei por voltar / je ne suis pas revenu pour revenir
Eu cheguei àquilo que começa/ je suis arrivé à ce qui commence²

A noite abraçadabrante, que foi vivida na condição de colonizado, dá lugar à volta a casa que é a pátria, construída em sua ausência, referência ao estado de alienação

¹ Oswald de Andrade, no Manifesto Pau-Brasil de 1925, afirma: “A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.”

² MIRON. *O homem restolhado*, p. 11 e 13.

de alguns intelectuais que buscavam reeditar na América os moldes literários franceses. Ao saudar o silêncio reinante na casa, o poeta convoca a palavra a preencher o vazio e a iniciar algo que está por ser inaugurado. Dessa forma, o poeta rompe também um longo período em que ele se impôs o silêncio poético, pois considerava que somente após exorcizar seu complexo de colonizado, através de uma práxis determinada, haveria condições no Quebec para uma literatura autônoma. Esse longo e difícil acesso ao discurso literário é uma característica do Quebec, onde publicar torna-se, por fim, um ato que pode ser tão convincente quanto a ação política. A palavra “poética” transforma-se com Miron em “arma miraculosa”, para usarmos um verso de Aimé Césaire, e o ajudará a criar uma nova matriz textual para substituir a que vigiu nos longos “anos de inverno”, marcada pela falta de um estilo próprio e pela incerteza em relação à autonomia cultural e política. Por isso, Miron não hesitará em declamar em praças públicas, em participar das famosas noites de poesia que reuniram no Quebec milhares de espectadores e que culminaram com a deflagração da campanha pela independência. Campanha essa que fracassará duas vezes: em 1980, quando o referendo organizado para decidir sobre a separação deu como resultado a vitória do “não” à independência, e em 1990, quando se repete a derrota nas urnas do partido *québécois* e sua proposta separatista.

A poesia engajada de Miron abre as portas para um longo e efervescente processo de desalienação cultural, inaugurando uma fase de enraizamento e de rememoração na qual o espaço romanesco fica circunscrito ao âmbito da província, o Quebec, lugar de pertença; o tempo será o da valorização do passado, e o sujeito, representado por um nós coletivo monolítico, porta-voz do *homo quebecensis*, obstinado em criar uma concepção de mundo voltada para a definição da identidade coletiva. A dupla pertença francesa e americana irá conferir um caráter peculiar e necessariamente ambivalente ao processo de afirmação identitária.

Essa fase de ensimesmamento será aos poucos questionada pelo surgimento, nos anos 1980, de uma literatura, que foi primeiro chamada de “neoquebequense”, sendo hoje conhecida como “migrante”. Inicia-se uma nova ruptura, responsável por uma grande renovação, abrindo a literatura à diversidade e à relação. Autores vindos de geografias distintas, ao chegarem ao Québec, passaram a contar suas histórias em língua francesa, tendo em vista dois horizontes culturais diversos: o do país de origem e o do país de chegada – o Quebec –, constituindo uma escritura necessariamente híbrida e heterogênea.

As migrações, os múltiplos processos de mestiçagem e de hibridação, bem como os efeitos inevitáveis da globalização levam ao questionamento sistemático do fechamento em uma única cultura e aos limites territoriais da nação. As passagens, as travessias e os entrecruzamentos, misturas e sincretismos que agem incessantemente no continente, fazem implodir as obsessões identitárias tendo como consequência salutar a abertura para o outro e para a diversidade. Pouco a pouco, os escritores exorcizam os fantasmas do enraizamento – que surgiram para reverter a síndrome de colonizado dos escritores quebequenses – e se afastam dos caminhos já bem trilhados da continuidade, optando pela ruptura e pelo nomadismo. De fato, a partir dos anos 1980, no Quebec, os deslocamentos constantes das personagens das fronteiras constituem metáforas privilegiadas de um novo panorama que se desenha entre os escritores americanos, obrigando críticos e pesquisadores a repensar suas obsessões de catalogação de obras e autores e a redefinir a geografia literária das Américas.

O FILME DE JEAN-MARC VALLÉE

Traçado esse breve panorama da literatura do Quebec e o impacto positivo que teve a Revolução Tranquila em seu processo de autonomização literária, gostaríamos de mostrar também as repercussões desse movimento no campo da cultura, mais especificamente no cinema, que tematizou as mudanças sociais de forma simbólica. É interessante notar a proposta do realizador quebequense Jean-Marc Vallée que, em 2005, retraza o painel da sociedade antes e depois da Revolução Tranquila, rememorando para as gerações atuais as importantes fendas que tal revolução provocou na sociedade, que passará por conflitos geracionais e por trânsitos socioculturais que irão mudar o rumo da nação.

Jean-Marc Vallée assinou o filme *C.R.A.Z.Y.*, tendo recebido 11 premiações, entre os quais os prestigiosos prêmios Génie e Jutra (2006) por esse trabalho, que apresenta a comovente história de uma família no Quebec dos anos 1960, em pleno período da Revolução Tranquila, e focaliza o drama da relação dos cinco filhos com um pai que quer educá-los seguindo os preceitos do Quebec tradicional, os quais os filhos não estão mais dispostos a seguir. Em plena crise de identidade, inclusive sexual, e de questionamento dos valores familiares, Zachary, um dos cinco filhos – todos do sexo masculino – do casal Beaulieu, parte em busca de si mesmo, dos valores espirituais e, sobretudo, de uma sabedoria (de um saber) que lhe permita, ao mesmo tempo, assumir suas inclinações homossexuais, que o pai não admite, e reconquistar o amor paterno que ele necessita para sua realização existencial.

A recuperação da subjetividade do personagem passa por uma mobilidade geográfica: uma viagem a Jerusalém, a Terra Santa, onde tentará refazer os passos de Cristo nas ruelas da cidade. Note-se aqui uma mudança importante em relação à literatura produzida no Quebec até então: as viagens e os deslocamentos se faziam no âmbito do próprio território nacional, já que os textos literários se caracterizavam por se desenrolarem no espaço territorial do Quebec, e a busca memorial constituía-se como um eterno retorno aos fatos fundadores da história da nação. A abertura a uma alteridade radical representava perigo a uma sociedade que temia a perda de sua especificidade maior: a língua e a cultura francesas. No filme de Vallée, temos uma viagem ao Oriente Médio, onde o personagem encontra o meio ambiente espiritual de que necessita para empreender a busca de si mesmo e para conseguir reatar os laços familiares, quando regressar a Montreal.

O realizador Jean-Marc Vallée, canadense nascido em 1963, cria um jogo de palavras com o título *C.R.A.Z.Y.*, que faz pensar, à primeira vista, na palavra inglesa *crazy*, que significa “louco”, mas se constitui, de fato, no acrônimo constituído pelos prenomes dos cinco filhos, Christian, Raymond, Antoine, Zachary e Yvan, e em uma alusão à canção de Patsy Cline: “Crazy”, cultuada pelo pai da família. Contudo *crazy* (louco) é também o fio condutor desse relato vertiginoso e mágico, evocando a loucura do período que vai da Revolução Tranquila, em 1960 (ano de nascimento de Zachary), ao Referendo de 1980 (data em que festeja seus 20 anos). Os elementos do conturbado contexto histórico quebequense não são apresentados de modo manifesto aos espectadores, que só os percebem a partir da brusca mutação entre a geração dos pais e a dos filhos. O pai (Michel Côté) e a mãe (Danielle Proulx) lideram uma família comum

de classe média, vivendo no subúrbio de Montreal, de acordo com as regras herdadas de seus pais dentro de uma tradição quebequense alicerçada na fé católica, na ordem, no respeito às aparências e no cumprimento do dever. Nessa medida, o quarto filho, Zach (Marc-André Grondin), não ousa revelar sua “diferença” pelo fato de “não ser como os outros”, por conhecer a tendência homofóbica do pai. Surgem daí os conflitos familiares e, sobretudo, a angústia de Zach, que encontra refúgio no uso de cigarros, inclusive de maconha, e na música, com destaque para compositores totalmente distintos dos “comportados” Patsy Cline e Charles Aznavour, paixões do pai. As canções que o inspiram e lhe trazem conforto são: “Space oddity”, de David Bowie, “Sympathy for the devil”, dos Rolling Stones, “Tout écartillé”, do quebequense Charlebois, “L’enfant au tambour”, de Ginette Reno, “Shine on you crazy diamond”, de Pink Floyd, entre outras.

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA E DE OUTROS SÍMBOLOS DA *BEAT GENERATION*

Percebe-se claramente, pelo tom contestador das músicas que Zach ouve, e pelos signos da contracultura (arco-íris, triângulo, e outros signos dos movimentos *beatnick* e *hippie*, inscritos nas paredes de seu quarto), que ele está impregnado pelo conjunto de elementos que caracterizaram a *beat generation* (movimento de rebeldia ao *american way of life*, encenado entre os anos 1950 e 1970), marcado pela rejeição do materialismo, pelas experiências com drogas e formas alternativas de sexualidade, além do interesse por religiões orientais. Todos esses elementos contestam a geração dos pais e anunciam as mudanças que a assim chamada Revolução Tranquila trará ao Quebec, a qual irá desencadear uma série de movimentos contestatórios que culminarão com o Referendo de 1980, no qual os quebequenses iriam decidir sobre a autonomia do Quebec em relação ao federalismo canadense. Como sabemos, o resultado foi desfavorável à separação do Quebec do Canadá, por margem insignificante de votos. A derrota causa profundo mal-estar nos 47% da população que votaram pelo SIM, ou seja, pela autonomia do Quebec.

De todas as dezenas de músicas escutadas pelo personagem, talvez a mais marcante seja “Space oddity” [Esquisitice espacial], na qual o personagem se identifica com o astronauta de David Bowie, que, ao se jogar da nave para o espaço sideral, diz:

I'm floating in a most peculiar way
And the stars look very different today
Planet earth is blue
And there's nothing I can do

Conforme a letra da canção que parafraseia *Uma odisseia no espaço*, de Stanley Kubric, o astronauta perde a comunicação com o controle de Terra e fica permanentemente flutuando no espaço sem poder fazer nada, a não ser contemplar de longe o planeta Terra, de cor azul. A identificação com o personagem é total, já que, aparentemente, Zach se sente como ele: flutuando no vácuo por ter perdido a comunicação com o pai (*ground control*) e reconhecendo-se impotente para esboçar qualquer reação (*there's nothing I can do*).

Em sua insatisfação diante da perda do amor paterno, recorre, como assinalamos, às drogas e à música, que ele escuta em som muito alto, mas também a uma mulher,

espécie de guia espiritual, que lhe fala da conhecida oração “Pegadas na areia” (*Footprints in the sand*), que aborda o tema do desespero de um homem que se sente abandonado por Jesus ao ver apenas suas pegadas na areia e não as de Jesus, que prometera acompanhá-lo na sua travessia do deserto. Ao que Jesus responde: “os passos são só meus, jamais te abandonei, é que nos momentos mais difíceis de viver, nos braços te levei.”³ As cenas, que focam pegadas (*close*) na neve e nas areias do deserto, nas cercanias de Jerusalém, remetem insistentemente ao abandono em que se sente o personagem.

As transformações na vida da família Beaulieu, da pequena burguesia quebequense dos anos 1960, são apresentadas em movimentos de câmera alucinantes que alternam várias cenas passadas na igreja, aonde os pais costumavam levar os filhos para a missa de Natal, com cenas das músicas de contestação ouvidas pelo personagem. Fato que sinaliza a intenção do diretor de tornar evidente a laicização do Quebec em consequência da Revolução Tranquila. Mostra, usando a técnica do *travelling*, os devaneios de Zachary, que, na igreja com a família, imagina que o padre diz a todos para voltarem a suas casas para abrir os presentes de Natal... Outro sinal dessa laicização é a perda do crucifixo: a mãe havia dado a Zach um crucifixo, que lhe é arrancado por colegas na piscina da escola. Entretanto, em muitos outros momentos, o personagem aparece usando outros crucifixos, enquanto a imagem de Jesus crucificado é mostrada em várias cenas pendurada nas paredes de diferentes peças da casa da família. Essas imagens sagradas, contudo, alternam-se a cenas profanas: brigas entre o pai e os filhos e prática de sexo e uso de drogas pelos filhos no interior da casa paterna. É nesses momentos de brigas em família que o filho Zach começa a sonhar com Jerusalém – terra prometida, cuja provável etimologia remete a legado da paz – presenteando a mãe, único laço afetivo do personagem com a família, já que nem o pai nem os demais irmãos aceitam sua homossexualidade, com um belo livro sobre a Terra Santa.

O QUEBEC DA REVOLUÇÃO TRANQUILA: RUPTURA COM A TRADIÇÃO

É extremamente sutil a alegoria escolhida pelo diretor para mostrar as profundas transformações pelas quais a nação quebequense passará, durante os acontecimentos que foram cognominados de Revolução Tranquila, já que, como mencionamos anteriormente, o contexto sócio-histórico nunca é explicitamente evocado. Será pelas transformações nas relações familiares que o espectador depreenderá as grandes mutações sociais. Efetivamente, o oximoro, formado por palavras que remetem a sentidos opostos, “revolução” e “tranquila”, teve um alcance muito amplo na sociedade quebequense, abrangendo áreas como a política, a educação, a economia, a religiosidade, a cultura e a literatura, etc. Conhecido como um vasto movimento de liberalização dos costumes, comparável ao movimento conhecido como Contracultura, nos Estados Unidos, ou aos acontecimentos de maio de 1968, na França, a Revolução Tranquila seria uma palavra-chave para nomear a modernização do Quebec. As metamorfoses em todos esses planos levam a um crescente entusiasmo pelo nacionalismo e a uma minimização da influência

³ Disponível em: <<http://www.espiritismogi.com.br/areia.htm>>. Acesso em: 28 maio 2010.

da Igreja Católica na vida das famílias. Torna-se urgente assumir essa nova identidade, e a literatura irá refletir esse desassossego identitário em inúmeros romances em que o tema da busca torna-se obsessivo. C.R.A.Z.Y. tematizará, de maneira exemplar, essa busca de múltiplos aspectos identitários, através de migrações: física (viagem a Israel), espiritual (busca de outras formas de fé e de vida espiritual) e sexual (procura do personagem pela definição de sua própria sexualidade). Contudo, a grande busca é pela redefinição dos laços de família, já que a figura do pai é emblemática da derrocada do Quebec conservador e tradicional. Como lidar com a metamorfose profunda das mentalidades e dos valores, em uma sociedade na qual a autoridade passa a ser posta em xeque sob todas as suas formas? O pai Beaulieu é flagrantemente desautorizado pelos filhos, que contestam sua autoridade, usando drogas, brigando entre si, fumando e fazendo sexo dentro de casa. A figura do pai encarna, desse modo, o autoritarismo, que será sistematicamente contestado pela nova geração.

Podemos nesse momento aproximar a preocupação do poeta Gaston Miron com a “casa que se fez em sua ausência” e ao desejo de chegar “àquilo que começa”.⁴ O personagem do filho que faz também uma viagem abracadabrante a Jerusalém anseia por voltar à casa paterna e chegar a algo de novo que está por começar. Essa reconciliação – no seio da família, microcosmo da nação – só poderá acontecer pela aceitação da diversidade e da alteridade. Zach tentará encontrar as formas de reorganizar os laços afetivos no âmbito da família, o que passa pela aceitação das diferenças de parte a parte: o filho reencontra o disco *Crazy*, de Patsy Cline (nos antiquários de Jerusalém), e traz de presente ao pai, o qual, aos poucos, vai aceitando a orientação sexual do filho, o que é simbolizado pelo retorno aos passeios de carro juntos ao final da película. Nas primeiras cenas, é o pai que leva o filho a passear de carro; na cena derradeira, é o filho, isto é, a geração que passou pelas metamorfoses da Revolução Tranquila, que assume o volante, conduzindo o pai, já velho e alquebrado. Nesse momento, aparentemente, a busca finaliza, e ambos, pai e filho, encontram a harmonia tão ansiosamente buscada por Zach, que poderá abandonar a bomba contra a asma que o acompanhou em todos os momentos de tensão de sua vida, desde a infância, podendo respirar livremente.

A BUSCA DE SI, DO PAI (BIOLÓGICO) E DO PAI (ESPIRITUAL)

De volta ao Quebec, presentear o pai com o disco *Crazy*, que ele havia quebrado na infância, representa o dom, que revela aceitação do gosto edulcorado do pai por músicas tradicionais, à espera da troca, ou seja, a aceitação pelo pai da “diferença” do filho, o que só acontecerá após a morte do filho primogênito por overdose.

Zachary nasceu em 25 de dezembro, dia do nascimento de Cristo, e, qual um pequeno Jesus de Montreal, passa por inúmeras provações, como expor-se ao frio rigoroso, enfrentando uma tempestade de neve, envolver-se em brigas violentas, perder-se no deserto nas cercanias de Jerusalém, expondo-se a graves queimaduras na pele, mas acaba reconciliando-se com o pai e só nesse momento encontra a paz interior que

⁴MIRON. O homem restolhado, p. 13.

perseguuiu durante toda a vida e que culminou com a viagem a Jerusalém. Muito mais do que um filme sobre homossexualidade, *C.R.A.Z.Y* é um filme sobre o Quebec em transformação, em decorrência das grandes rupturas desencadeadas pela Revolução Tranquila, e, sobretudo, sobre as relações pai e filho. Trata-se de uma película que inscreve a mobilidade essencial do ser humano em direção à reconciliação consigo mesmo e à construção de sua identidade. Trata-se de uma busca de paz interior que passa necessariamente pelo reencontro com o pai (biológico) e com o Pai (espiritual) que o personagem busca desde que a fé católica deixa de ser importante para ele.

A viagem a Jerusalém, terra sagrada para judeus, católicos e muçulmanos, é a última etapa na longa peregrinação de Zachary na reconquista do pai/Pai. “Meu pai voltou a ser meu pai”/ (Mon père est redevenu mon père), é a última fala do personagem, ao final de sua busca.

Foi nossa intenção mostrar as migrações culturais efetuadas no Quebec a partir dos anos 1960 pelo impacto da Revolução Tranquila na literatura e na cultura. Os poemas declaradamente engajados de Miron contribuíram, de forma decisiva, para as mudanças que se impunham na sociedade quebequense; e o filme de Vallée, quatro décadas depois, homenageia, através da plasticidade imagética, os promotores dessa revolução, que provocaram trânsitos importantes no espaço francófono do Quebec. Miron volta ao que está começando (“Je reviens à ce qui commence”), e o personagem do filme de Vallée, Zach, com seus deslocamentos entre o Canadá e Israel, evoca a memória dos avatares da tradição à modernidade, desvelando, através da imagem fílmica, o impacto da Revolução (dita Tranquila) na sociedade quebequense. Vale lembrar que *rapailler*, presente no título do poema de Miron, “L’homme rapaillé”, citado anteriormente, remete ao ato de recolher a palha, ou seja, restos, recolher o que já foi usado para usar novamente, dando-lhe uma sobrevida, como refere Flávio Aguiar no prefácio à tradução de *L’homme rapaillé*.⁵ Zachary só consegue reconciliar-se consigo mesmo e com a família, pelo ato de restolhar-se, ou seja, de refazer sua subjetividade no espaço conturbado de mutações por que passou a sociedade quebequense entre as décadas de 1960 e 1980.



R É S U M É

L'article vise l'analyse des mobilités politiques et culturelles résultantes de la Révolution tranquille qui a eu lieu dans les années 1960 au Québec et qui ont été déterminantes d'une rupture radicale avec un système social traditionnel sous l'emprise de l'Eglise catholique. Cet épisode historique de grand impact social, économique et culturel a déclenché une prise de conscience qui a fait la communauté repenser ses repères identitaires et promouvoir une vaste réflexion sur son appartenance à l'Amérique et sur le besoin d'affirmation d'une spécificité québécoise. On souligne d'un côté, le rôle de Gaston Miron comme un des principaux émulateurs du mouvement révolutionnaire qui a redessiné la nouvelle cartographie

⁵ AGUIAR. A marcha à poesia, p. 5-9.

littéraire du Québec francophone et, de l'autre, le *revival* de cette période réalisé par le film *C.R.A.Z.Y.*, de 2005, du réalisateur québécois Jean-Marc Vallée. Le film rend hommage à la Révolution tranquille soulignant les mobilités culturelles entre les générations au Québec des années 1960, les déplacements du personnage entre Canada et Israël et les passages de la tradition à la modernité.

MOTS-CLÉS

Révolution tranquille, mobilités géographiques, migrations politiques et culturelles, littérature quebecoise

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, F. A marcha à poesia. In: MIRON, G. *O homem restolhado*. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 5-9.
- BERND, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2012.
- BILODEAU, P. *C.R.A.Z.Y. ou la vérité folle d'un amour fou*. Disponível em: < <http://www.ledevoir.com/culture/cinema/82309/c-r-a-z-y-ou-la-verite-folle-d-un-amour-fou> >. Acesso em: 2 maio 2010.
- BOWIE, David. Space odity. In: _____. *David Bowie*. [UK] Philips, 1969. Disponível em: <<http://www.teenagewildlife.com/Albums/SO/SO.html>>. Acesso em: 28 jun. 2012.
- C.R.A.Z.Y. Direção: Jean-Marc Vallée. Montreal: TVA films, Montreal, 2005. 129 min.
- C.R.A.Z.Y. Disponível em: <[http://fr.wikipedia.org/wiki/C.R.A.Z.Y._\(film\)](http://fr.wikipedia.org/wiki/C.R.A.Z.Y._(film))>. Acesso em: 2 maio 2010.
- FERRON, Jacques. Contes du pays incertain. In: FERRON, J. *Contes*. Montréal: Éditions HMH, 1968. p. 11-98.
- JONES, R. Do regime inglês aos dias de hoje. In: BELANGER, A.; HANCIAU, N.; DION, S. (Org.). *A América francesa: introdução à cultura quebequense*. Rio Grande: Abecan/FURG, 1999. p. 173-189.
- MIRON, Gaston. *O homem restolhado*. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PEGADAS NA AREIA. Disponível em: <<http://www.espiritismogi.com.br/mensagens/areia.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2012.
- RÉVOLUTION TRANQUILLE. Disponível em: <http://fr.wikipedia.org/wiki/R%C3%A9volution_tranquille>. Acesso em: 28 jun. 2012.
- ROBIN, Régine. *Le deuil de l'origine; une langue en trop, la langue en moins*. Saint Denis: Presses de l'Université de Vincennes, 1993.